

NOTA DE REPÚDIO

O Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA/UFF) vem a público emitir nota de repúdio ao brutal assassinato infligido à vereadora carioca Marielle Franco (PSOL) e ao seu motorista Anderson Pedro Gomes, na noite de quarta-feira, 14 de março de 2018, no Centro do Rio de Janeiro. No dia em que completa uma semana do fatídico episódio, gostaríamos de aproveitar o ensejo para estender o nosso repúdio às tentativas de mortificação simbólica que têm sido dirigidas, mais particularmente, à jovem ativista (hoje parte de uma mórbida lista de vinte e tantas lideranças negras e indígenas que foram assassinadas, no Brasil, nos dois últimos anos). Dias após a sua execução com quatro tiros na cabeça, Marielle Franco tornou-se alvo de um sem-número de notícias depreciativas que procuravam deslegitimar seus pleitos, suas denúncias, suas ações. Como não poderia deixar de ser, as chamadas *fake news* foram veiculadas, sobretudo, nas redes sociais que, contemporaneamente, por uma série de razões, têm se constituído como espaços privilegiados para o exercício da covardia e da irresponsabilidade. E isso por parte de pessoas das mais diferentes vertentes e posições políticas. Marielle Franco era, como costumava se autodescrever, uma "mulher, negra, mãe e cria da favela da Maré". À frente de um mandato popular respaldado por mais de quarenta e seis mil votos obtidos em diferentes regiões da cidade do Rio de Janeiro, no ano de 2016, tratava-se de uma militante obstinada na defesa dos direitos humanos, o que, decerto, não agradava a todos. Contrária à intervenção federal na segurança pública do Rio de Janeiro, a vereadora notabilizava-se por ser uma crítica contumaz dos excessos cometidos pela Polícia Militar nas favelas e áreas periféricas da cidade, denunciando de forma recorrente os abusos de autoridade cometidos contra moradores de tais localidades. Numa sociedade rigidamente hierárquica e excludente, acostumada com cada um no seu devido lugar, a voz de Marielle Franco operava como uma incomodativa caixa de ressonância a clamar por igualdade, democracia e justiça para segmentos sociais que, historicamente, costumam ser alijados de direitos fundamentais, como o direito de ir e vir, a liberdade de expressão, a inviolabilidade do lar e, o mais importante, o direito à vida. Por razões que cabe às autoridades apurar, essa voz dissonante parecia ter de ser silenciada e, ao que tudo indica, foi isso o que se tentou fazer após a saída da vereadora da Casa das Pretas, na Lapa, na noite da última quarta-feira. Não obstante, como apontam analistas, se foi esse o objetivo dos algozes, as suas ações não surtiram o efeito planejado. Como ensina o adágio popular, nesse caso, o tiro saiu pela culatra. O assassinato de Marielle Franco gerou grande repercussão tanto na imprensa nacional quanto internacional. Reações de comoção espontânea foram sucedidas de protestos e manifestações envolvendo membros de movimentos sociais, partidos políticos e sindicatos. Mobilizações coletivas tomaram inúmeros pontos de capitais brasileiras e do Exterior, atraindo o olhar da mídia e a atenção de organizações voltadas para a defesa dos direitos humanos em diversas partes do mundo. Isto posto, o Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA/UFF) gostaria de, em consonância com aqueles(as) que atuam no sentido de promover, apoiar e conferir visibilidade às causas sociais defendidas por Marielle Franco, se solidarizar com os seus familiares, amigos, eleitores e correligionários, somando-se, assim, ao expressivo conjunto de vozes de todos(as) aqueles(as) que clamam das autoridades pelo esclarecimento das causas e da autoria do assassinato da vereadora, assim como do seu motorista Anderson Pedro Gomes.

Niterói, 21 de março de 2017.